

Arcadismo

E U
P A S-
S O

T U
P A S-
S A S

E L E
R A-
L A

Arcadismo

Arcadismo em Portugal



A game of hot cockles, de Fragonard, exemplo de como a vida natural ganhou projeção no século XVIII.

Arcadismo é o nome que se dá ao movimento cultural que sucedeu o Barroco no século XVIII.

Ele surgiu inspirado na lendária região grega de Arcádia, dominada pelo deus Pan e habitada por pastores que viviam de forma simples e se divertiam através da música, da dança e realizando disputas poéticas, celebrando o amor e o prazer.

O Arcadismo surgiu em um contexto social no qual aconteceram profundas mudanças sociais e ideológicas guiadas pelo Iluminismo. Portanto, ele foi a expressão artística da burguesia, classe que protagonizou a luta política travada nesse momento e chegou ao poder com a Revolução Francesa, em 1789.

Em 1690, na Itália, surgia a Arcádia, academia literária que reunia diversos escritores e tinha a finalidade de combater o Barroco e difundir os ideais neoclássicos.

Em Portugal, por influência italiana, os escritores fundaram academias literárias e cultivaram a poesia de ambientação campestre, que celebrava a vida pastoral. A primeira

academia literária portuguesa, que deu início ao movimento neste país foi a Arcádia Lusitana, fundada em 1756.

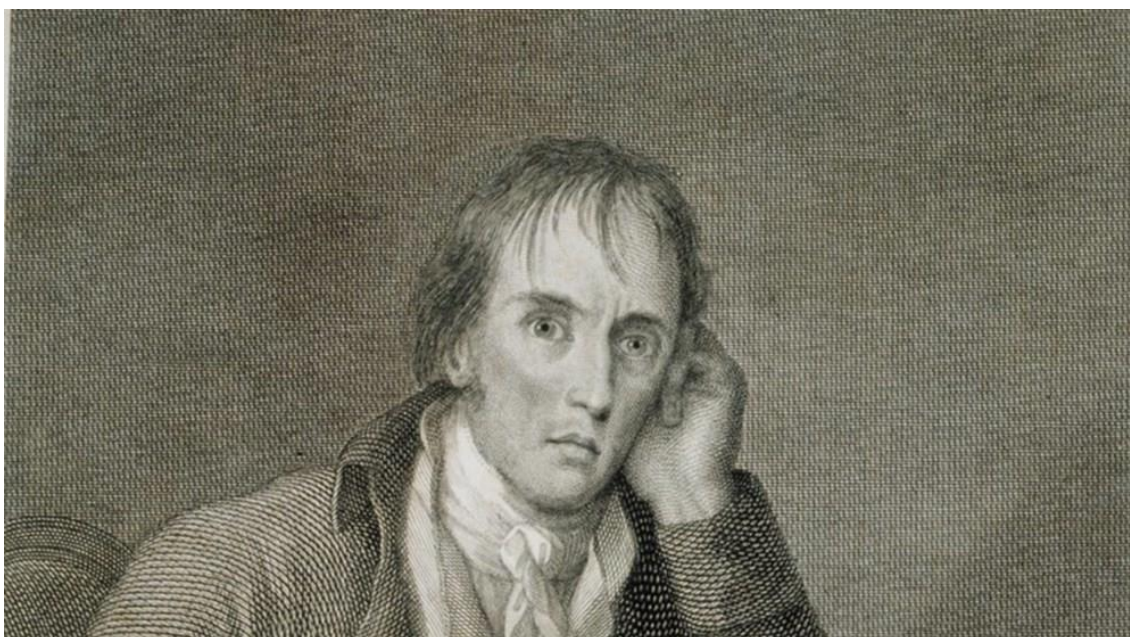
Outra importante academia árcade de Portugal foi a Nova Arcádia, fundada em 1790 e que contou com um dos maiores poetas portugueses do século XVIII: Bocage.

O gênero literário predominante no Arcadismo português foi a poesia, embora tenha havido criação em outros gêneros também.

Embora os escritores árcades fossem em sua maioria homens cultos e bem posicionados socialmente, eles defendiam um ideal de vida simples e natural como forma de protesto contra os excessos da luxuosa vida aristocrata.

Dentre os principais nomes do Arcadismo português temos: Cruz e Silva, Correia Garção, Reis Quita, Nicolau Tolentino, Filinto Elísio, Marquesa de Alorna e Bocage.

Manuel Maria Barbosa du Bocage



Manuel Maria Barbosa du Bocage.

Bocage (1765-1805) foi um poeta português. O mais importante poeta português do século XVIII. O grande poeta do Arcadismo de Portugal. Sua poesia individualista e pessoal já era uma antecipação do que seria a poesia romântica do século XIX.

Bocage nasceu em Setúbal, às margens do rio Sado, em Portugal, no dia 15 de setembro de 1765. Filho de José Luís Soares de Barbosa, juiz de fora e ouvidor, e de Mariana

Joaquina Xavier l'Hedois Lustoff du Bocage, descendente de família da Normandia, região histórica do noroeste da França.

Em 1783, alistou-se na Marinha de Guerra, graduando-se em seguida. Em 1786 esteve no Brasil. Nesse mesmo ano viajou para o Oriente, permanecendo na Índia como guarda-marinha, onde é promovido a tenente e mandado para Damão. Ao desertar da Marinha, fugiu para Macau, passando a viver uma vida errante e boêmia.

Em 1790, voltou para Lisboa. Iniciou sua atividade literária com o pseudônimo e Elmano Sadino, participou da associação de poetas denominada “Nova Arcádia”, escrevendo poesias que falam de pastores, pastoras e ovelhas e da mitologia clássica. O próprio nome do movimento foi tirado de Arcádia, região da Grécia onde, segundo a mitologia, pastores e pastoras levavam uma vida inocente e feliz, em contato com a natureza. Com o tempo, abandonou a poesia artificial e começou a falar do seu mundo interior, de seus dramas amorosos e existenciais, numa linguagem que encontrou grande receptividade entre os leitores daquela época e dos séculos seguintes, se tornando o poeta mais lido em Portugal.

Sua obra é muitas vezes classificada de transitória. Surgiu no momento marcado por grandes transformações na Europa, decorrentes da Revolução Francesa e do florescimento do Romantismo. Sua poesia individualista pessoal já era uma antecipação do que seria a poesia romântica do século XIX. Bocage é um dos maiores sonetistas líricos da literatura portuguesa, junto a Camões e Antero de Quental. Escreveu todos os gêneros literários de seu tempo: idílios, odes, canções, epístolas e fábulas.

Acusado de satirizar o clero e a nobreza, foi processado e preso pela Inquisição, cumprindo pena nos mosteiros, passando a viver de traduções. Deixou fama de poeta satírico e, com o tempo, seu nome tornou-se sinônimo de contador de histórias picantes e obscenas, no entanto, produziu os mais belos poemas líricos de seu tempo.

Desenvolveu sua veia amorosa, retratando, na poesia, a concepção do amor e seus infortúnios. O ciúme é a tônica de muitos versos. Em outros, predominam os motivos lírico-amorosos de caráter autobiográfico.

Manuel Maria Barbosa du Bocage faleceu em Lisboa, Portugal, no dia 21 de dezembro de 1805.

Soneto Ditado na Agonia

Já Bocage não sou!... À cova escura
Meu estro vai parar desfeito em vento...
Eu aos Céus ultrajei! O meu tormento
Leve me torne sempre a terra dura;

Conheço agora já quão vã figura,
Em prosa e verso fez meu louco intento:
Musa!... Tivera algum merecimento
Se um raio da razão seguisse pura.

Eu me arrependo; a língua quasi fria
Brade em alto pregão à mocidade,
Que atrás do som fantástico corria:

Outro Aretino fui... a santindade
Manchei!... Oh! Se me creste, gente ímpia,
Rasga meus versos, crê na eternidade!

Estro: inspiração

Quase: quase

Pregão: proclamação

Aretino: quem escreve com fins comerciais

Filinto Elísio

*Filinto Elísio.*

Filinto Elísio foi um poeta e tradutor português do Neoclassicismo. Seu verdadeiro nome era Francisco Manuel do Nascimento e foi sacerdote.

Poeta nostálgico e crítico da sociedade portuguesa, nascido em Lisboa, considerado o último representante do neoclassicismo arcádico em Portugal, atacou o clero e a aristocracia em seus escritos, além de combater a superstição e o atraso ainda reinantes. De origem modesta, conseguiu ordenar-se padre (1754), estudou os clássicos e foi admirador incondicional de Horácio, adquirindo posteriormente uma formação liberal e enciclopedista. Adversário da Arcádia Lusitana, chefiou o grupo Ribeira das naus e foi denunciado ao Santo Ofício como usuário da leitura de livros racionalistas franceses, proibidos pela Inquisição.

Refugiou-se em Paris (1778), onde fez amigos ilustres, especialmente Lamartine, que lhe dedicou um poema e o chamou Divino Manuel. Morreu em Paris, a capital francesa, pobre e bastante idoso, depois de publicar suas Obras Completas (1817-1819), com o seu famoso pseudônimo arcádico que recebeu de D. Leonor de Almeida, Marquesa de Alorna, a quem ensinou latim quando esta se encontrava reclusa no Convento de Chelas e por cuja irmã, Maria, se apaixonou platonicamente. Essas suas poesias foram publicadas em Paris em onze volumes (1817-1819), seguindo-se uma segunda edição em

Lisboa de vinte e dois volumes (1836-1840). Além de poeta e tradutor, verteu para o português os *Mártires*, de Chateaubriand, as *Fábulas* de Lafontaine e *Púnica*, de Sílio Itálico.

À Minha Morte

Sei, que um dia fatal me espera, e talha
A minha vida o estame:
Nem Prosérpina evita uma só frente.
Sei que vivi: mas quando
Tem de soltar-se, ignoro, o vivo laço;
E se claros, ou turvos
Se háo-de erguer para mim os sóis vindouros. –
Pois, que ao sevo Destino
Me é vedado fugir, fugi ao longe
Roazes Amargguras,
Que estes permeios anos minar vínheis,
Rir quero – e mui folgado,
De vos ver ir correndo, de encolhidas,
Escondendo na fuga,
As caudas dos medonhos ameaços.
Quero, entre mil saúdes,
De vermelha, faustíssima alegria
Ir passando em resenha,
Taça após taça, a lista dos amigos,
E o coro das formosas,
Que a vida me entreteram com agrado.
E reforçado e lesto
C’o néctar da videira, as mãos travando
Co’as engraçadas Musas,
Em dança festival, com pé ligeiro,
Na matizada relva,
Cansar de tanto júbilo o meu sp’rito,
Que se vá (sem que o sinta
Continuar o baile nos Elísios)
Entre o Garção e Horácio.
De lá, em novas Odes, que mais valham
Que quantas fiz tégora,

(Pois que emendadas pelo douto Mestre)
Darei pasto à mania
De versejar, que me tomou bem tenro,
Que zombou de remédios.
E de lá mandarei guapos modelos,
Onde ávidos alunos
Bebam largas lições; – se achar Correio;
Que deles se encarregue,
E refretando a barca de Caronte,
Cá lhas recove ao Mundo.

Arcadismo no Brasil

Entre os anos de 1768 e 1836, a elite jovem brasileira passou a ir buscar conhecimento em Coimbra, Portugal, e isso fez com que tendências europeias dos autores árcades chegassem ao Brasil. Com ideais iluministas absorvidos fora do país, os jovens voltavam usando isso como base para agir contra o governo, e também foi a base para a concretização da Inconfidência Mineira – os escritores destaques da literatura participaram ativamente da Inconfidência.

O Arcadismo chegou ao Brasil, à literatura brasileira, em meio a esse contexto. Com sua chegada, foi rompida a estética barroca no ano de 1768, tendo como marco a publicação de “Obras”, de Cláudio Manuel da Costa.

Características

O movimento teve como marcas principais os dualismos dos escritores que apesar de seguirem as tendências europeias, ainda se interessavam muito pela natureza e pelos problemas da colônia. As ideias iluministas também trouxeram muitas influências para este contexto, e a concentração desta escolar artística se deu em Vila Rica.

No Brasil, as principais características do Arcadismo envolveram o apego aos valores da terra por meio de poesias simples e bucólicas; a valorização do índio como um “bom selvagem”, com as ideias de que a natureza faz o homem ser feliz e bom, mas que a sociedade o corrompe; a sátira política que falava sobre a exploração portuguesa, a corrupção dos governos coloniais e os tempos difíceis que a sociedade passava relacionado à política.



História

Com as ideias iluministas, muitos escritores da época passaram a desejar a Independência do Brasil, mas seus sonhos foram frustrados com o fracasso da Inconfidência Mineira no ano de 1789. Cláudio Manuel da Costa, um dos participantes da Inconfidência junto a Tiradentes, acabou suicidando-se na prisão antes de seu julgamento. Alvarenga Peixoto, outro autor, assim como Tiradentes, foi condenado à morte por enforcamento, enquanto Tomás Antônio Gonzaga e muitos outros autores e participantes foram exilados.

Autores e Obras

Entre os principais autores dessa época que também ficou conhecida como Setecentismo ou Neoclassicismo, podemos citar Cláudio Manuel da Costa. Este cultivou a poesia épica e lírica e tinha como temática em suas poesias líricas a desilusão amorosa. Sua poesia apresenta a transição entre o Barroco e o Arcadismo e, de suas obras, destaca-se “Vila Rica”.

Tomás Antônio Gonzaga, por sua vez, era um autor português que viveu em Salvador ao final de sua infância e adolescência. Formou-se em direito em Coimbra, e no ano de 1782

voltou ao Brasil. Entre suas obras, Marília de Dirceu é destaque, dividida em três partes correspondentes às fases da vida do autor.

Valores Árcades

Tendo em vista a série de influências um tanto quanto decisivas para o movimento em referência, principalmente no tocante à racionalidade, podemos dizer que o Arcadismo, também é conhecido como Neoclassicismo, concebido como uma retomada aos valores clássicos baseados, principalmente, nas ideias aristotélicas.

Essa retomada esteve intimamente relacionada a alguns aspectos voltados para os postulados classicistas, sobretudo manifestados por alguns clichês, denominados máximas latinas. Assim, destacam-se:

- *Inutilia truncat* (cortar o inútil) – Essa tomada de posição retratava uma verdadeira repulsa aos excessos preconizados pela arte barroca. Dessa forma, os representantes árcades optavam pela simplicidade, pela ordem direta da linguagem e pela clareza.
- *Carpe diem* (aproveitar o dia) – Em face das instabilidades oriundas do mundo material, partindo do pressuposto relacionado à fugacidade da vida, o ideal era aproveitar os prazeres proporcionados por esta, antes que passassem.
- *Fugere urbem* (fugir da cidade) – Tendo em vista as ideias preconizadas por Rousseau (a expressão *o bom selvagem*, é uma expressão do filósofo Jean-Jacques Rousseau, que denota a pureza dos nativos da terra e faz menção à natureza e à busca pela vida simples, bucólica e pastoril), somadas ao crescimento desordenado das cidades, desencadeou-se o bucolismo – manifestado por uma evocação nostálgica do campo e da natureza. Dessa forma, o anunciador (emissor) integra-se à vida campestre, abnegando-se dos valores citadinos.
- *Locus amoenus* (lugar ameno) – Segundo a visão dos representantes árcades, a natureza era vista como um lugar ameno, aprazível, que lhes proporcionava equilíbrio e paz interior.
- *Aurea mediocritas* (equilíbrio do ouro) – Partindo do pressuposto de que a simplicidade se revelava como elemento preponderante, o luxo e a ostentação eram vistos como algo inconcebível. Nesse sentido, os representantes árcades pregavam o ideal de uma vida simples, permeada pelo equilíbrio, isto é, sem miséria nem riqueza, contando apenas com o essencial, que pudesse lhes proporcionar tempo para a virtude e a arte.

Exercício

1. Nos dois poemas a seguir, Tomás Antônio Gonzaga e Ricardo Reis refletem, de maneira diferente, sobre a passagem do tempo, dela extraindo uma “filosofia de vida”. Leia-os com atenção:

LIRA 14 (Parte I)

Minha bela Marília, tudo passa;
a sorte deste mundo é mal segura;
se vem depois dos males a ventura,
vem depois dos prazeres a desgraça.

.....

Que havemos de esperar, Marília bela?
que vão passando os fluorescentes dias?
As glórias, que vêm tarde, já vêm frias;
e pode enfim mudar-se a nossa estrela.
Ah! não, minha Marília,
Aproveite-se o tempo, antes que faça
o estrago de roubar ao corpo as forças
e ao semblante a graça.

(TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA, “Marília de Dirceu”)

Quando, Lídia, vier o nosso outono
Com o inverno que há nele, reservemos
Um pensamento, não para a futura
Primavera, que é de outrem,
Nem para o estio, de quem somos mortos,
Senão para o que fica do que passa –
O amarelo atual que as folhas vivem
E as torna diferentes.

(RICARDO REIS – “Odes”)

- a) Em que consiste a “filosofia de vida” que a passagem do tempo sugere ao eu lírico do poema de Tomás Antônio Gonzaga?

- b) Ricardo Reis associa a passagem do tempo às estações do ano. Que sentido é dado, em seu poema, ao outono?
- c) Os dois poetas valorizam o momento presente, embora o façam de maneira diferente. Em que consiste essa diferença?

Gabarito

1. a) Carpe diem, aproveitar o presente.
b) O declínio da vida.
c) Em Gonzaga a vida está em sua plenitude, enquanto em Reis ela parte para o fim.